

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



## Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano 2

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaiddy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano  
2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de  
Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-789-2  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.892212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,  
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO 2**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos e estudos sobre leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia, enunciação, encenação discursiva, aquisição, linguagem, polidez linguística, multimodalidade textual, sociolinguística, direitos linguísticos, minorias, variação linguística, preposição e língua indígena.

São verificadas, em estudos sobre leitura e ensino, contribuições que versam para conteúdos como perspectiva dialógica, intersubjetividade, currículo, formação de professores, multiculturalismo, ensino híbrido, ensino de espanhol, aprendizagem de crianças e síndrome de down.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

REGNA BRASILLICA: CONTEXTO DA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595) DE S. JOSÉ DE ANCHIETA, SJ (1534-1597)

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120121>

### **CAPÍTULO 2..... 9**

ENTRE PASSADO E PRESENTE: ANÁLISE REFLEXIVA DA OBRA “RUMOS DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: HISTORIOGRAFIA, GRAMÁTICA E ENSINO”

Walter Duarte Monteiro Neto


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120122>

### **CAPÍTULO 3..... 14**

ENUNCIÇÃO E ENCENAÇÃO DISCURSIVA NA ENTREVISTA DE FERNANDO HADDAD NAS ELEIÇÕES DE 2018

Aline Priscila Maciel de Moraes

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120123>

### **CAPÍTULO 4..... 28**


A RELEVÂNCIA DO CRIAR COMO UM DIFERENCIAL PARA A AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Elizabeth Matilda Oliveira Williams

Moniki Aguiar Mozzer Denucci

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Leonard Barreto Moreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120124>

### **CAPÍTULO 5..... 41**

POLIDEZ LINGUÍSTICA EM RESPOSTAS A ELOGIOS NO FACEBOOK

Anáira Ramos Gomes

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120125>

### **CAPÍTULO 6..... 60**

MULTIMODALIDADE TEXTUAL: UM AVANÇO SOCIOLINGUÍSTICO NO PROCESSO COMUNICATIVO DIGITAL COM O USO DE *EMOJIS*, *GIFS* E FIGURINHAS

Alex Sandro Peixoto Medeiros


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120126>

### **CAPÍTULO 7..... 82**

O DISCURSO EM LIBRAS: LÓCUS DE SIGNIFICADOS SOCIOESTILÍSTICOS

Aleilde Tavares da Silva


Zanado Pavão Sousa Mesquita  
Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120127>

**CAPÍTULO 8..... 96**

LANGUAGE RIGHTS AND LINGUISTIC MINORITIES IN CENTRAL AND WESTERN BALKANS

Daniela-Carmen Stoica


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120128>

**CAPÍTULO 9..... 107**

A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO EM PESQUISAS VARIACIONISTAS DE FALA ESLAVA

Luciane Trennephol da Costa

Letícia Michalowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120129>

**CAPÍTULO 10..... 119**

TRANSFERÊNCIA DO USO DA PREPOSIÇÃO “DESDE” POR APRENDENTES HISPANOFALANTES

Maria Gessy Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201210>

**CAPÍTULO 11..... 134**

EL RESCATE DE LA LENGUA UCHUMATAQU DE IRUHITO URUS A PARTIR DE LOS SABERES DE LOS SABIOS INDIGENAS

María Sandra Esther Vedia Garay

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201211>

**CAPÍTULO 12..... 145**

A LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA


Renata Faria Amaro da Silva da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201212>

**CAPÍTULO 13..... 155**

UMA PROPOSTA DE LEITURA COMO PROCESSO DE INTERSUBJETIVIDADE


José Luiz Marques






 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201213>

**CAPÍTULO 14..... 164**

CURRÍCULO EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lucimar Araujo Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201214>

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>174</b>
O MULTICULTURALISMO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Rodrigo Augusto Kovalski	
Sérgio de Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201215">https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201215</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>187</b>
EXPERIMENTAÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO HÍBRIDO BUSCANDO A INSERÇÃO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Thainá de Deus Lima	
Vilmar do Nascimento Rocha	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201216">https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201216</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>197</b>
ANDAIMENTO COM DICIONÁRIOS NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA	
Laura Campos de Borba	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201217">https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201217</a>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>211</b>
O ENSINO DE ESPANHOL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR PARA A ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE	
Daniele Oliveira André Magalhães	
Joseane de Souza Cortez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201218">https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201218</a>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>218</b>
INFLUÊNCIA DOS ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: RELATO DE CASO	
Regina Célia Roela	
Francinéia Aparecida Freitas da Silva	
Thaisa Fernanda Queiroz de Souza	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201219">https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201219</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>230</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>231</b>

# CAPÍTULO 9

## A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO EM PESQUISAS VARIACIONISTAS DE FALA ESLAVA

*Data de aceite:* 01/11/2021

*Data da Submissão:* 20/09/2021

**Luciane Trennephol da Costa**

Universidade Estadual do Centro-Oeste,  
Departamento de Letras  
Irati – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/0019182505248618>

**Letícia Michalowski**

Universidade Estadual do Centro-Oeste,  
Departamento de Letras  
Irati – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/2203731010944297>

**RESUMO:** O sexo é uma das variáveis sociais exploradas na Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 2008 [1972]), e tradicionalmente a teoria preconiza que as mulheres usam menos as formas estigmatizadas. No entanto, o papel dessa variável social tem sido muito discutida na perspectiva de gênero, uma vez que se estabelece a distinção entre o sexo biológico binário e o gênero como uma construção cultural. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os resultados e o papel condicionador da variável sexo/gênero em pesquisas variacionistas que envolvem a fala brasileira de etnia eslava. Discutimos os resultados das pesquisas analisadas e a complexidade dessa variável social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnia Eslava. Variação Linguística. Variáveis Sociais. Sociolinguística Quantitativa.

### THE SEX/GENDER VARIABLE IN SLAVIC SPEECH VARIATION RESEARCH

**ABSTRACT:** Sex is one of the social variables explored in Quantitative Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), and traditionally the theory advocates that women use less stigmatized forms. However, the role of this social variable has been extensively discussed from a gender perspective, since a distinction is made between binary biological sex and gender as a cultural construction. Thus, this work aims at presenting and discussing the results and the conditioning role of the sex/gender variable in variation studies that involve Brazilian speech of Slavic descendants. We analyze and discuss the studies' results and the complexity of this social variable.

**KEYWORDS:** Slavic Ethnicity. Linguistic Variation. Social Variables. Quantitative Sociolinguistics.

### 1 | INTRODUÇÃO

O Brasil, país de extensões continentais, teve seu território colonizado em diferentes épocas e por diferentes povos. No sul do Brasil, os povos eslavos, principalmente poloneses e ucranianos, marcaram presença na colonização. De acordo com senso do IBGE de 1940, além do alemão, italiano, japonês e espanhol; era digno de nota também a presença dos falantes de russo e polonês no Brasil daquela época. A cultura eslava manteve-se viva em cidades do interior do sul do Brasil (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015) e descrições do português

brasileiro falado nesta região devem considerar a possível influência dessas etnias nos fenômenos variáveis, pois a etnia é um fator condicionador para a variação (LABOV 2008 [1972], p. 341).

A Sociolinguística Quantitativa Laboviana (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2008) emprega o cálculo estatístico com auxílio de programas computacionais para investigar o possível papel condicionador das variáveis envolvidas em determinado fenômeno variável. Nos primórdios, usava-se o VARBRUL 2S e atualmente temos o GOLDFARB para versão Windows e Macintosh. Cabe ao linguista interpretar os resultados matemáticos fornecidos pelo programa computacional das variáveis envolvidas no fenômeno estudado. Na literatura variacionista brasileira, as variáveis sociais, geralmente, são: faixa etária, sexo, escolaridade e etnia dos informantes da amostra (BRESCANCINI, 2002, p. 13).

Com o advento dos estudos de gênero, a variável social sexo passa a ser questionada. O papel social da mulher mudou radicalmente dos anos 60, advento da sociolinguística variacionista, até os dias atuais. A variável sexo recobre muito mais do que a dimensão biológica e precisa considerar os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres e a maneira pela qual a construção da identidade de gênero (feminina, masculina ou em outras possibilidades) é perpassada por questões linguísticas (FREITAG e SEVERO, 2015). Os estudos e pesquisas linguísticas não podem mais reproduzir uma realidade social ultrapassada e bipolarizada em termos de gênero.

O tema já é explorado na perspectiva variacionista e este trabalho contribui com a investigação e também com a construção de um panorama do papel das mulheres na variável social sexo em pesquisas variacionistas que têm por objeto fenômenos variáveis sonoros em fala eslava (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2016; MILESKI, 2013).

Nosso objetivo é compilar e apresentar o papel da variável sexo/gênero em pesquisas variacionistas de fala eslava, discutindo a complexidade desta variável à luz dos estudos de gênero. Para desenvolvê-lo, na seção 2, iniciamos apresentando um breve panorama do arcabouço teórico da sociolinguística quantitativa laboviana. Labov propôs um novo olhar em relação às estruturas das línguas, considerando a presença do componente social como condicionador dos fenômenos variáveis. A sociolinguística considera e investiga a possibilidade do papel condicionador de variáveis internas, estruturais, e sociais ou externas, próprias do falante. Na 3ª seção, abordaremos a variável sexo/gênero, trazendo um panorama de como esta variável vem sendo discutida ao longo do tempo e atualmente. Na seção 4, trataremos da variável sexo em pesquisas variacionistas de fala eslava, compilando os resultados de três pesquisas que investigam a fala eslava e que abordam a variável em seus trabalhos. A primeira pesquisa é intitulada *Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de polônês de Mallet – Pr*, desenvolvida por Loregian-Penkall e Costa (2014), e a segunda é chamada de *O fenômeno de não elevação da vogal /e/ na fala de eslavos de Mallet, Paraná Brasil*, desenvolvida por Costa e Loregian-Penkall (2015). A terceira se denomina *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado*

por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS, desenvolvida por MILESKI (2013). E por fim, na quinta seção, traremos nossas considerações finais. Iniciamos discorrendo acerca do nosso arcabouço teórico.

## 2 | SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA LABOVIANA

Sabemos que a partir da década de 60 do século XX, as pesquisas de William Labov trazem um novo horizonte aos estudos linguísticos, propondo um novo olhar em relação às estruturas das línguas e em especial sobre os fenômenos de variação e de mudança (COELHO et.al, 2015). O modelo de análise linguística proposto por Labov é chamado por muitos de *sociolinguística quantitativa* por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados, os pressupostos metodológicos e teóricos da abordagem são apresentados em seu livro intitulado “*Padrões Sociolinguísticos*”.

Para William Labov, um aspecto importante a ser considerado é a presença do componente social na análise linguística. Sendo assim, para a sociolinguística é essencial a relação entre língua e sociedade, bem como, o estudo da variação e da mudança linguística encaixadas no contexto social da comunidade de fala. Segundo Tarallo (1986, p.07): “foi portanto William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

Mollica (2008), também pontua a sistematização dos fenômenos variáveis através do papel condicionador de variáveis estruturais e sociais:

“[...] a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico” (MOLICA, 2008, p. 27).

As variáveis estruturais ou internas são aquelas específicas dos sistemas linguísticos de natureza fonético-fonológica, morfo-sintática, semântica, discursiva e lexical. Já as variáveis sociais ou externas são aquelas específicas do falante como: escolaridade, sexo, nível de renda, etnia e classe social.

Segundo Mollica (2008), tanto as variáveis linguísticas como as não-linguísticas, não agem isoladamente, mas sim operam em um conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. E Labov pontua que o pesquisador tem como um problema a ser resolvido determinar os aspectos do contexto social da língua que estão mais estreitamente ligados a determinado fenômeno variável e à mudança linguística (2008 [1972], p. 326).

A Teoria da Variação preconiza assim o papel de variáveis internas, estruturais, e externas, do falante, como condicionadoras correlacionadas favorecedoras aos fenômenos

variáveis linguísticas. Um dos fatores preconizado nesta abordagem é o sexo/gênero, objeto de nosso estudo do qual trataremos na seção seguinte.

### 3 | A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO

A variável sexo tem sido revisitada e muito discutida atualmente por diversos pesquisadores na área da Sociolinguística. Freitag (2015), mostra que os estudos sociolinguísticos se apoiaram e ainda se apoiam amplamente em trabalhos precursores da discussão sexo/gênero. Há estudos que usam a terminologia *sexo*, entendendo que o termo recobre o comportamento social, o gênero.

De acordo com Freitag (2015), há evidências na sociolinguística de forte correlação entre padrões de estratificação social e gênero, com inúmeros estudos clássicos, em que as mulheres, independentemente de outras categorias sociais, como idade ou classe, usam mais a forma padrão do que os homens. Em relação às reflexões sobre a relação entre sexo e gênero, na prática o que ocorre é a apropriação de premissas que relevam a construção social gênero para dados coletados em uma perspectiva puramente biológica de sexo.

Segundo Paiva (2008) a importante pergunta a ser respondida pela sociolinguística seria de que forma os fenômenos linguísticos variáveis estariam correlacionados ao gênero/sexo do falante. De acordo com a autora:

A análise da dimensão social da variação e da mudança linguística não pode ignorar, no entanto, que a maior ocorrência de certas variantes, principalmente daquelas que envolvem o binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças estejam associadas ao gênero/sexo do falante e a forma de construção social dos papéis feminino e masculino.(PAIVA,2008, p. 32).

Sabe-se que a primeira correlação entre variação linguística e o fator gênero/sexo encontra-se em Fischer (1958) no estudo intitulado *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*. Fischer analisou a variação na pronúncia do sufixo inglês *ing*, formador do gerúndio (*walking, talking*), e verificou que a pronúncia velar, a forma padrão, era mais frequente entre as mulheres (Paiva, 2008). Percebe-se que essa preferência não é resultado de uma escolha aleatória entre duas pronúncias igualmente possíveis do sufixo. Essa diferença entre a pronúncia velar ou dental do sufixo diz respeito à diferença de valorização social entre a forma prestigiada e a forma não prestigiada respectivamente. O que o autor constata é que a forma de prestígio predomina na fala de mulheres.

Labov, em seus primeiros estudos, ao tentar correlacionar as causas de mudança com os padrões de fala masculino e feminino não faz referência a terminologia “gênero”, mas sim a “diferença de sexo”, “variável sexo” ou “sexo” dos indivíduos. Apenas em trabalhos posteriores, o autor começa a utilizar o termo gênero recorrentemente (Silva, 2009). Segundo este autor, na busca pelo entendimento de como a diferenciação do

gênero influencia na mudança linguística, Labov (2001 *apud* SILVA, 2009) chegou a algumas conclusões que foram, posteriormente, transformadas em princípios, tratam-se dos princípios 2, 3 e 4.

O “Princípio 2” estaria relacionado à conformidade linguística das mulheres, pois, nas variantes sociolinguísticas estáveis, as mulheres apresentam menores índices de variantes estigmatizadas e maiores índices de variantes de prestígio que os homens. Os índices desse Princípio foram obtidos por meio de diversos estudos acerca de variáveis de fala urbana e rurais, ocidentais e não ocidentais. De acordo com Labov, na maioria das variáveis estudadas, o efeito do gênero é visto, e até recentemente, não se tinha relatos de que os homens favorecessem as formas de prestígio mais do que as mulheres. Entretanto, segundo o autor, o problema do Princípio 2 é que ele se aplica apenas aqueles que têm acesso às normas de prestígio prescritas por ele. Dessa forma, estudos realizados na Filadélfia mostraram que as mulheres pertencentes aos grupos sociais mais baixos utilizavam formas estigmatizadas tanto quanto os homens.

O “Princípio 3” está relacionado com o que Labov chama de “mudança linguística que vem de cima” (*changes from above*). Esse tipo de mudança acontece em um nível relativamente alto de consciência social, suas ocorrências são maiores em estilos formais e são frequentemente sujeitas à hipercorreção. Além de que, as mulheres lideram tanto na aquisição de novos padrões de prestígio, assim como, na eliminação de formas estigmatizadas. Um dos fatores que definem esta mudança é o fato de que as formas surgem em discursos muito cuidadosos, na mudança que vem de cima ocorre então essa interação entre o gênero e a classe social dos indivíduos, além do que é mais evidente quando se trata de variáveis sociolinguísticas estáveis.

O “Princípio 4” diz respeito a “mudança que vem de baixo” (*changes from below*), esse tipo de mudança é liderado pelas mulheres e ocorre abaixo do nível de consciência social. No primeiro caso, os dados levantados por Labov mostram que as mulheres tendem a utilizar variantes menos estigmatizadas do que os homens. Ao correlacionar o gênero com a classe social, ele concluiu que as mulheres de classe média baixa fazem mais esforços para usar as formas de prestígio e evitar as estigmatizadas do que mulheres de classe baixa ou alta.

A fim de explicar esse fenômeno, ele parte de uma perspectiva tradicional apoiando-se nos trabalhos de Wolfram e Schilling-Estes (Labov, 2001 *apud* SILVA, 2009) explicando que devido às mulheres possuírem menor poder econômico, elas asseguram-se através do capital simbólico, ou seja, a *linguagem*. Assim, Labov sugere que o comportamento cuidadoso das mulheres em relação ao uso das variáveis de prestígio estaria refletindo a fraqueza socioeconômica delas que, por fim, geraria uma certa insegurança psicológica e sociológica. Entretanto, Labov parece acreditar que as diferenças linguísticas estão muito mais próximas da mobilidade social do que da insegurança social. Com isso, ele oferece uma possível interpretação para a conformidade das mulheres ao uso das formas



de prestígio: reflete a responsabilidade que elas assumem pela futura mobilidade dos filhos preparando o capital simbólico deles (p. 278). Assim o papel da mulher é visto com essa explicação em relação a educação dos filhos (Silva, 2009).

No segundo caso, Labov parece distanciar-se de uma perspectiva tradicional ao focar os indivíduos *as mulheres* em suas redes sociais, de forma a identificar os líderes da mudança. Suas conclusões mostram que as líderes possuem uma posição central em suas redes sociais, pois elas influenciam seus amigos e parentes e elas também mantêm relações fora de suas localidades (demonstra a rota da mudança).

Ao justapor os três princípios abordados acima, William Labov reconhece um paradoxo que permeia essa discussão. Tendo assim o que ele chamou primeiramente de “Paradoxo de Gênero”. Segundo ele, as mulheres se conformam mais atentamente que os homens às normas sociolinguísticas que são claramente prescritas, mas se adaptam menos que os homens às normas quando não são.

Buscando compreender a contradição de porque as mesmas pessoas são às vezes “conservadoras” e às vezes “progressistas”, Labov propõe então a substituição desses termos para “conformistas” e “não conformistas”. Com isso, o autor re-estabelece o Paradoxo de Gênero como “Paradoxo de Conformidade”.

Severo (2006) diz que Chambers (1995) na tentativa de distinguir gênero e sexo, define duas categorias de variação, a primeira baseia-se no gênero (*Gender-based variability*) em que as diferenças linguísticas são explicadas em termos dos papéis desempenhados por homens e mulheres em relação à mobilidade deles em uma dada comunidade: quanto menor for o contato social e a variação geográfica de homens ou mulheres, maior será o uso, por esses indivíduos, das variantes do seu grupo de contato (p. 125-126). Enquanto a segunda é baseada no sexo (*sex-based variability*), nesse caso, explica-se as diferenças linguísticas a partir de diferenças biológicas (neuropsicológicas) entre homens e mulheres, que existem mesmo quando os papéis atribuídos ao gênero são ausentes (p. 104). Nota-se que apesar de Chambers estabelecer essas duas categorias de variação, ele é muito tradicional ao pautar a questão do gênero no sexo biológico e não no processo da identidade ao qual o gênero, visto como construção, está interligado (Severo, 2006).

De acordo Severo (2006), na perspectiva tradicional, o gênero é tido como uma categoria biológica *sexo*, sendo passível de ser estatisticamente medido. Na tradição crítica, o gênero é visto como uma construção social, vinculado ao processo de formação da identidade dos indivíduos. Sendo assim, o estudo da variação/mudança pressupõe o estudo do processo de constituição das identidades. Dado que identidade e linguagem implicam-se mutuamente, a sociolinguística não pode se limitar a um modelo essencialista que considera o gênero como uma categoria universal e previamente estabelecida, sem levar em conta que essa categoria é uma construção histórica, política e social, através da qual os indivíduos constituem suas identidades. Argumenta-se em favor de que os

trabalhos que tratam de variação/mudança devem contemplar as práticas sociais nas quais os indivíduos se engajam para constituir suas identidades (o gênero está implícito nessa constituição), uma vez que, é nessas comunidades de práticas que as variáveis assumem significado social e, a partir daí, se espalham (ou não) para o contexto social mais amplo.

Segundo Judith Butler em *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”* (1998)

[...] o mais material dos conceitos, “sexo”, que Monique Wittig chama de uma completa alegoria política e que Michel Foucault chama de “unidade fictícia” e reguladora. Para ambos os teóricos, o sexo não descreve uma materialidade prévia, mas produz e regula a da inteligibilidade materialidade dos corpos. Para ambos, de diferentes maneiras, a categoria sexo impõe uma dualidade e uma uniformidade sobre os corpos a fim de manter a sexualidade reprodutiva como uma ordem compulsória.[...] (p. 26).

Butler (1998) sugere que esse tipo de classificação pode ser chamado de violento, forçado e que essa ordenação e produção discursiva dos corpos com base na categoria sexo é em si mesma uma violência material, uma vez que, a violência da letra, a violência da marca que estabelece o que irá ou não significar, o que será incluído ou não no inteligível, assume uma significação política quando a letra é a lei ou a legislação autorizadora do que será a materialidade do sexo.

É importante ressaltar que muitas análises acerca da variável sexo/gênero são feitas isoladamente. Quando se é feito o cruzamento desta variável com outras variáveis independentes como idade, classe social, podem surgir padrões diferentes de correlação que mostram a relatividade das correlações entre uso de variantes linguísticas e o sexo/gênero do falante.

Os estudos de gênero evidenciam então a necessidade de considerar a identidade social e sexual como uma construção e a sua rede de relações com outros fatores sociais em investigações acerca de possíveis papéis condicionadores para a variação linguística. Do mesmo modo, há que se considerar o contexto histórico e cultural das comunidades de fala investigadas às quais os falantes pertencem. Na próxima seção, apresentaremos dados de pesquisas variacionistas que investigam a fala de etnia eslava em comunidades rurais.

#### **4 | A VARIÁVEL SEXO EM PESQUISAS ACERCA DA FALA ESLAVA**

Apesar de ser pouco discutida e valorizada, a imigração eslava, ucraniana e polonesa, contribuiu para a formação do Brasil e foi muito forte no Paraná, principalmente na região Sul, que recebeu grandes traços culturais desta imigração os quais se fazem presentes na culinária, arquitetura, na fala, nos ritos religiosos e artesanatos (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015). Com o propósito de sistematizar o papel condicionador da variável *sexo*, buscou-se fazer uma compilação de três pesquisas que abordam a variável

em seus trabalhos e que investigam a fala eslava.

As duas pesquisas apresentadas neste estudo, e que investigam a fala do Paraná, fazem parte da amostra da cidade de Mallet, integrante do banco de dados VARLINFE – Variação Linguística de Fala Eslava, vinculado ao programa de Extensão permanente, denominado Núcleo de Estudos Eslavos-NEES, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. O VARLINFE foi constituído com base na metodologia da sociolinguística quantitativa laboviana (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006; LABOV, 2008). Este banco de dados contribui para o conhecimento do português brasileiro falado por descendentes de eslavos de cidades do interior do Paraná, contando atualmente com amostras de fala de sete cidades: Cruz Machado, Ivaí, Irati, Mallet, Prudentópolis, Rebouças e Rio Azul. Estas cidades caracterizam-se como comunidades predominantemente rurais, de economia agrícola e de colonização ucraniana e polonesa.

A pesquisa intitulada *Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Mallet, Pr*, desenvolvida por Loregian-Penkal e Costa (2014), teve como objetivo analisar a regra variável de elevação da vogal média-alta anterior /e/ em posição postônica final como, por exemplo, a realização de *pote* como [ˈpoti] ou [ˈpoʃi]. Através da análise de oitiva, foram auditadas 12 entrevistas, 6 do sexo feminino e 6 do sexo masculino e transcritas todas as ocorrências com vogal média-alta anterior em posição átona final.

A variável sexo foi selecionada como relevante para o fenômeno estudado. Destacando-se a importância estatística da variável em questão, pois, foi a segunda selecionada pelo programa. Constatou-se que os homens pesquisados lideram a elevação da vogal /e/ com 0,64 de peso relativo, ao passo que as mulheres apresentam peso relativo de 0,33, desfavorecedor à elevação. Nota-se aí, portanto, uma diferença de 0,29 entre as duas variantes analisadas.

Os resultados podem ser lidos como indícios de um papel conservador das mulheres na realização do fenômeno da elevação na comunidade estudada, pois a elevação da vogal átona final é um fenômeno antigo e bastante produtivo no português brasileiro (CÂMARA JR, 1972, p.34), mas a sua não realização é marca característica da fala paranaense e principalmente dos descendentes de eslavos da região.

De acordo com as autoras, constata-se que, na região pesquisada, as mulheres da zona rural do município de Mallet têm uma educação familiar e religiosa bastante forte, voltada à tradição e ao apego às raízes eslavas. Logo, talvez este fato possa refletir no uso da linguagem, com mais marcas da língua polonesa em suas falas e conseqüentemente menor índice de elevação da vogal /e/.

A segunda pesquisa analisada aqui e intitulada *O fenômeno de não-elevação da vogal /e/ na fala de eslavos de Mallet, Paraná Brasil* (Costa e Loregian-Penkal, 2015) é um desdobramento da pesquisa referida anteriormente com ampliação dos informantes. Também por meio da análise de oitiva, obteve-se os dados de elevação e de não-elevação da vogal média anterior /e/. Ao todo 24 entrevistas foram analisadas, 12 do sexo feminino e

12 do sexo masculino, com aproximadamente 40 minutos de fala cada. Todos os informantes são moradores da zona rural e possuem forte colonização eslava (ucraniana e polonesa).

Foram levantadas todas as ocorrências da vogal média anterior /e/ em contexto silábico postônico final e dentre as variáveis sociais de maior relevância à aplicação da regra de elevação do /e/ átono final em Mallet, selecionadas pelo programa estatístico encontra-se a variável sexo, ocupando a terceira posição, mostrando assim a sua importância no tocante à não-elevação na comunidade.

De acordo com os dados apresentados, as mulheres lideram a não-realização da elevação vocálica, ou seja, o uso de “gente, que leite quente!” e expressões similares em que a sílaba átona final é constituída de consoante mais a vogal final pronunciada como [e] e não como [i], como ocorre em boa parte do Brasil. A diferença é de 0.62 para 0.38 de peso relativo, o que dá 24 pontos de diferença entre mulheres e homens (COSTA e LOREGIN-PENKAL, 2015).

A ampliação dos informantes manteve então o resultado anterior que demonstrava à conformidade das mulheres à variante predominante e de prestígio na comunidade investigada, ou seja, a não realização do fenômeno da elevação. Considerando-se o contexto social de tal comunidade; localizada no interior, de economia predominantemente agrícola e fortes tradições religiosas, destaca-se o fato de que são as mulheres da comunidade as principais responsáveis pela educação dos filhos, seguidas é claro pela escola e igreja, pois enquanto os seus esposos vão para o trabalho na roça, elas ficam em casa com os seus filhos. Percebe-se então a importância das mulheres para a manutenção desse fenômeno linguístico na família, assim como, na comunidade em estudo.

A pesquisa intitulada *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*, desenvolvida por Mileski (2013) também se fundamenta na sociolinguística laboviana como os dois outros trabalhos aqui descritos. No entanto, este estudo abrangeu a análise das vogais átonas finais anteriores e posteriores.

Como já menciona o próprio título, esta pesquisa foi realizada no município de Vista Alegre do Prata, no Rio Grande do Sul, e buscou-se estudar a elevação das vogais médias átonas finais. Segundo a autora, este município, que se encontra na região nordeste do estado, é pequeno, possui economia fortemente agrícola e é habitado por italianos e poloneses. Entretanto, esta pesquisa conta exclusivamente com dados de fala de descendentes de imigrantes poloneses. Mileski afirma que a localização do município, assim como a formação étnica dos habitantes, contribuiu para considerar o local como interessante fonte de dados para um estudo sobre variação linguística. Uma característica importante da formação histórica desta localidade é a religiosidade, pois logo após a chegada dos imigrantes foram construídas muitas igrejas católicas que promovem festas anuais sempre em louvor a algum santo.

Para a obtenção de dados, foram realizadas fichas sociais para coletar informações

acerca dos falantes, ao todo 24 entrevistas foram realizadas no período de março a maio de 2012. O número de falantes selecionados ocorreu com base no método aleatório estratificado que divide a população em células compostas de indivíduos que apresentam as mesmas características sociais, no caso deste estudo seria a faixa etária, sexo e escolaridade.

Os dados sobre a elevação das vogais médias átonas finais submetidos à programa de análise estatística apontaram a variável sexo como irrelevante no nível step-down ao processo de elevação da vogal /o/ átona final. Já na elevação de /e/ no nível step-up o programa selecionou a variável sexo como relevante, em que os homens aparecem como favorecedores a elevação de /e/ átono final, com peso relativo a 0,56 (MILESKI, 2013).

Mileski afirma que não havia sido formulada uma hipótese referente à essa variável a partir dos resultados de estudos variacionistas sobre elevação das vogais médias postônicas no Rio Grande do Sul, uma vez que, tanto os homens como as mulheres haviam sido apontados como favorecedores à elevação. No entanto, para a vogal anterior, como já relatamos, os homens aparecem como favorecedores à realização do fenômeno da elevação.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variável sexo/genêro tem sido muito explorada e questionada na área da sociolinguística nos últimos tempos com o advento dos estudos de gênero. As pesquisas sociolinguísticas tradicionais demonstram diferenças no uso linguístico entre homens e mulheres. No entanto, na sociedade contemporânea faz-se necessário abordar esta variável social para além de uma mera classificação binária e estritamente biológica. Além disso, as variáveis sociais devem ser consideradas e relação ao contexto social e histórico da comunidade de fala investigada.

Quanto às pesquisas variacionistas de fala eslava, vimos na primeira, Costa e Loregian-Penkal (2015), que os homens lideram a elevação da vogal /e/, com peso relativo de 0,64, enquanto as mulheres apresentam peso relativo de 0,33, notando-se a diferença de 0,29 entre as duas variáveis analisadas. Na segunda pesquisa, as mulheres favorecem a não-elevação da vogal /e/, sendo 0,62 o peso relativo para as mulheres e 0,38 para os homens, dando a diferença de 24 pontos entre homens e mulheres. Já na última pesquisa (MILESKI, 2013) os homens novamente aparecem como favorecedores à elevação de /e/ atono final, com peso relativo de 0,56.

Os resultados mostraram então que as mulheres nas três pesquisas analisadas favorecem a não realização do fenômeno de elevação da vogal /e/ nas comunidades estudadas. Esta análise demonstra a necessidade de se considerar o contexto social e histórico da comunidade de fala. No caso das pesquisas descritas, localidades rurais de economia agrícola e com fortes costumes religiosos. A não realização do fenômeno de

elevação é a variante de prestígio na comunidade e, principalmente, uma marca identitária, assim, o comportamento linguístico das mulheres nestas comunidades estaria obedecendo ao Princípio 2 e seria de conformidade à norma padrão da comunidade.

As pesquisas acerca da fala de etnia eslava, polonesa e ucraniana, assim como de outras línguas de imigração e minoritárias e também do português brasileiro fora dos grandes centros urbanos ainda são poucas. Mas as três analisadas neste estudo, tendo como foco a variável social sexo/gênero, que também necessita ser relativizada e considerada para além do espectro limitado binário em pleno século XXI, demonstram a complexidade dos fatores sociais e a necessidade do estudo linguístico variacionista considerar os resultados à luz da realidade da comunidade de fala analisada.

## REFERÊNCIAS

BRESCANCINI, Cláudia. A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.

COELHO, Izete Lehmkuhl. Sociolinguística In: COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSTA, Luciane Trennephol; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A coleta de dados do banco VARLINFE – Variação Linguística de fala eslava: Peculiaridades e características. **Revista Conexão**, 2015, v. 11, n.1, p.100-109.

COSTA, Luciane Trennephol; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. O fenômeno de não-elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de eslavos em Mallet, Paraná. **Revista de Letras Norte@mentos**, Dossiê Interfaces Sociolinguísticas, 2016, v. 9, n.20, p. 85-99.

FREITAG, Raquel; SEVERO, Cristine. **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira**. São Paulo: Blücher, 2015.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]

LOREGIAN-PENKAL, Loremi.; COSTA, Luciane Trennephol. Elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de poloneses de Mallet-PR: uma análise variacionista. **Web-Revista SOCIODIALETO**, 2014, v. 4, p. 243-261.

MILESKI, Ivanete. **A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS.** 2013, 152f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: O Tratamento da Variação.** São Paulo: Contexto, 2008.

SEVERO, Gorski Cristine. **O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação mudança.** Revista Letras, 2006, n. 8.

SILVA, Daniel Marra. Daniel. **Origem e Desenvolvimento das ideias Linguísticas de William Labov.** 2009, 138f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem de crianças 227

Aquisição 4, 28, 30, 40, 111, 119, 120, 121, 125, 131, 211, 214, 216, 218, 222, 223, 227

Artes 2, 3, 7, 134, 135

### C

Currículo 5, 141, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 182, 184, 186, 211, 215

### D

Direitos linguísticos 96

### E

Encenação discursiva 4, 14, 15, 27

Ensino 3, 4, 5, 6, 4, 9, 10, 12, 13, 60, 80, 119, 120, 121, 122, 124, 129, 132, 151, 153, 155, 163, 165, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 230

Ensino de Espanhol 6, 197, 202, 207, 211, 212, 215

Ensino híbrido 4, 6, 10, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 146, 147, 150, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Enunciação 15

### F

Formação de professores 5, 9, 164, 165, 166, 185, 186, 209, 230

### G

Gramática 4, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 64, 81, 93, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 133, 184, 210

### H

Historiografia 4, 1, 7, 8, 9, 10, 11, 13

### I

Intersubjetividade 5, 147, 148, 149, 150, 153, 155, 157, 162

### L

Leitura 3, 5, 10, 13, 40, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 170, 171, 175, 184, 209, 224, 225, 226, 230



Letras 2, 3, 7, 9, 11, 14, 63, 66, 70, 82, 86, 107, 117, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 195, 210, 211, 213, 214, 228, 230

Linguagem 4, 1, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 39, 40, 41, 44, 49, 51, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 111, 112, 114, 117, 121, 122, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 162, 179, 186, 188, 197, 199, 202, 203, 204, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 228, 230

Língua portuguesa 5, 10, 41, 58, 65, 117, 119, 129, 132, 133, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 186, 210, 215, 216, 217, 230

Linguística 2, 3, 4, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 27, 28, 30, 41, 43, 46, 47, 57, 58, 59, 63, 81, 82, 85, 95, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 145, 148, 151, 185, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 230

## **M**

Minorias 96, 230

Multiculturalismo 5, 174, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186

Multimodalidade textual 4, 60, 74, 80

## **P**

Pensamento humano 2, 3

Perspectiva dialógica 5, 145

Polidez linguística 4, 41, 43, 46, 58, 59

Preposição 5, 119, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 205

## **S**

Síndrome de down 6, 39, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228

Sociolinguística 2, 10, 11, 80, 82, 84, 86, 95, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 122

## **V**

Varição linguística 10, 82, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 117

# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



# Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2

